

**IDENTIDADE E CRISE IDENTIDADE EM “O HOMEM DO FURO NA MÃO”, DE
IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO**

**IDENTITY AND IDENTITY CRISIS IN “THE MAN WITH THE HOLE IN HAND”,
BY IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO**

Jakson Bruno da Silva Rocha¹
Eldio Pinto da Silva²

RESUMO

Este artigo foi desenvolvido a partir da leitura e análise do conto “O homem do furo na mão” de Ignácio de Loyola Brandão, objetivando-se entender o papel que a sociedade tem como influência na construção de um ser humano autônomo, tendo como embasamento teórico a análise de Ramiro Giroldo (2012), trazendo algumas inquietações sobre o nosso cotidiano, e evidenciando as causas da vivência em uma sociedade completamente ditadora e exclusiva e sobre identidade com Carolina Laurenti e Mari Nilza Ferrari de Barros (2000), Carlos R. Brandão (1990), Ana M. B. Bock et al (2008), Olegária Matos (1999), Samuel Ponsoni e Karl Marx (1978) e outros. O método para este artigo é descritivo, já que buscamos entender algumas questões presentes na nossa sociedade como preconceito, busca pela identidade, exclusão e assuntos afins. O conto mostra a vida de um homem completamente preso ao trabalho e a um casamento completamente de aparências vivendo assim numa vida monótona. A exclusão do meio no qual está inserido gera algumas complicações da sua vivência em sociedade. Quando o personagem passa por uma crise de identidade, pois se reconhece com o furo mesmo diante de toda a repressão evidenciamos no personagem uma busca pelo eu que até então era desconhecido para ele, tendo como relava então uma aceitação da autenticidade e sua própria singularidade, contrastando com a necessidade de conformar com as normas estabelecidas pelo meio em que estava inserido. Diante do exposto, o furo na mão torna-se um símbolo de busca pela identidade, de resistência as imposições sociais, alimentando também o desejo de quebrar as amarras da alienação cotidiana.

Palavras-Chaves: Identidade, Crise de identidade, Preconceito, Autonomia.

ABSTRACT

This article was developed according to the reading and analysis of the short story “O homem do furo na mão” by Ignácio de Loyola Brandão, aiming to understand the role that society has as an influence in the construction of an autonomous human being in the short story “O homem

¹ Graduando do curso de Letras Inglês da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. jaksonsrocha@gmail.com

² Professor de Teoria da Literatura e Literaturas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Doutor em Literatura Comparada (PPGEL) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. eldio.pinto@ufersa.edu.br

do furo na mão” and as a theoretical basis we studied the analysis of Ramiro Giroldo (2012), who brought some concerns about our daily life, and highlighted the causes of living in a complete dictatorship and exclusive society and about identity with Carolina Laurenti and Mari Nilza Ferrari de Barros (2000), Carlos R. Brandão (1990), Ana M. B. Bock et al (2008), Olegária Matos (1999), Samuel Ponsoni and Karl Marx (1978).. This article uses a descriptive method to seek to understand some issues present in our society, such as prejudice, the search for identity, exclusion, and similar matters. The tale shows the life of a man connected to work and with a marriage full of appearances, where he and his wife are living a monotonous life. The exclusion of the environment in which he is inserted generates some complications of his experience in society. When the character goes through an identity crisis, as he recognizes himself with the hole even in the face of all the repression, we evidence in character a search for the self that until then was unknown to him, resulting in an acceptance of authenticity and his uniqueness, contrasting with the need to conform to the norms established by the environment in which he was inserted. Given the above, the hole in the hand becomes a symbol of the search for identity, of resistance to social impositions, also fueling the desire to break the bonds of everyday alienation.

Keywords: Identity, Identity crisis, Prejudice, Autonomy.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho propõe-se analisar a identidade e a crise de identidade em “O homem do furo na mão” inserido em *Cadeiras Proibidas*, de Ignácio de Loyola Brandão. *Cadeiras Proibidas* traz sessões de contos com temáticas como “cotidiano, corpo, clima, mundo, indagações, descoberta, ação e vida”. São contos que nos fazem pensar sobre nosso cotidiano. Em “O homem do furo na mão”, a narrativa nos traz dúvidas e perguntas, pois mostra a vida monótona de um homem que aparentemente vive para o trabalho e para sua esposa, mas que aos poucos se torna uma vida repleta de aparências e interesses.

Este estudo utiliza-se como metodologia a forma descritiva, pois trata-se de uma análise buscando entender algumas inquietações de um homem com uma crise de identidade por aparecer com um furo na mão, porém, aos poucos vai se identificando com a situação. Dessa forma, estudar identidade e crise no conto “O homem do furo na mão”, de Ignácio de Loyola Brandão, oferece uma janela para entender melhor as angústias individuais e coletivas enfrentadas pelo ser humano, como também o preconceito que o afeta historicamente, tendo embasamento teórico alguns artigos que retratem sobre identidade e crise de identidade. Esses temas são fundamentais para discutir questões sobre a alienação, o vazio existencial e a luta para preservar o "eu" em um mundo desafiador e imprevisível. Podemos levar em consideração a seguinte indagação para a elaboração desta pesquisa como o preconceito social na construção na construção de ser humano autônomo no conto “O homem do furo na mão”

Ignácio de Loyola Brandão nasceu em 31 de julho de 1936, na cidade de Araraquara, interior de São Paulo. Sua carreira surgiu de influência do seu pai Antônio Maria Brandão, que o incentivava a ler constantemente. Em 1952, ele publica uma crítica para o jornal da cidade. Contudo, ele começou a publicar crônicas e contos semanais para o jornal *Última Hora*, fazendo sucesso com suas publicações que, muitas das vezes, eram indignações, irritabilidade disfarçadas de contos, fábulas ou até mesmo uma metáfora do contexto em que o pertencia. Ele foi considerado um autor surrealista, por mostrar algo que não podia mostrar, já que vivia na ditadura militar (1964-1984) e como qualquer escritor daquela época temia a censura, Brandão foi mais esperto para deixar suas indignações em formas de contos, fábulas etc. Conseguiu mostrar a todos como funcionava as coisas naquela época.

Acrescente-se que Loyola Brandão destaca, em suas obras, a figura do homem como um ser subordinado a imposição de um poder repressivo e que por isso precisa se omitir enquanto sua identidade. Nesse sentido, muitas narrativas relatam homens sem nome, isto reflete momentos vividos na ditadura militar em que a repressão era evidente e que o nome de qualquer pessoa não podia ser revelado, pois podia ser perseguido pelo governo, ou seja, a realidade não podia ser retratada abertamente, sendo necessário escrevê-las utilizando artifícios fantásticos, para, assim, relatar homens vivendo situações absurdas às quais eram obrigadas a aceitar sem ter o direito à contraposição.

Neste trabalho, buscaremos entender o papel que a sociedade tem como influência na construção de um ser humano autônomo, partindo de alguns aspectos como preconceito, ignorância e medo, tudo isso pode ser influência não só na construção da autonomia de um indivíduo como também no processo de aceitação ou negação da identidade, ou seja, a forma como nos sentimos com nós mesmos.

A leitura do conto “O homem do furo na mão” possibilitou a construção deste artigo e nos instiga a pesquisar mais sobre este conto já que a obra é um gatilho para entender alguns contextos no qual estamos inseridos. Dessa maneira, pretende-se analisar a relação do homem consigo mesmo, já que possui algo que apenas ele tem, que é o “furo na mão”. O processo de aceitação e o que leva para uma situação de extrema exclusão da sociedade e daqueles que o cercam, ou seja, uma crise de identidade.

Como referencial teórico tem-se Ramiro Giroldo (2012), trazendo inquietações sobre o cotidiano e as causas da vivência em uma ditadura e sobre identidade com Carolina Laurenti e Mari Nilza Ferrari de Barros (2000), Carlos R. Brandão (1990), Ana M. B. Bock et al (2008), Olegária Matos (1999), Samuel Ponsoni, Karl Marx (1978) e outros. Quer-se destacar sobre identidade social, assim iremos observar e relacionar a crise de identidade que o personagem do conto tem quando ele nega o furo por medo da reação da pessoas e, por ventura, que venham excluir socialmente do ambiente em que vive.

A partir da análise do conto percebe-se a negação da sociedade em relação às diferenças, isto é, aquele “furo na mão” fez com que o homem perdesse tudo, sendo taxado por marginal da sociedade. É nítido toda a ignorância presente naquele meio.

Para a compreensão sobre este estudo, o artigo está organizado da seguinte maneira: inicialmente, a introdução, em seguida, na seção 2, apresentamos a metodologia utilizada para conduzir a pesquisa. Na seção 3, discute-se a fundamentação teórica sobre a identidade que estrutura a pesquisa. A seção 4 traz “identidade e crise na perspectiva do conto “O homem do furo na mão”. A sessão 5 aborda os resultados e discussões, destacando como aspecto relevante as discussões e uma reflexão sobre os resultados. Por fim, a seção 6, que conclui o artigo com as considerações finais e as referências.

2 METODOLOGIA

O trabalho partirá de uma análise do conto “O homem do furo na mão”, tendo como foco a identidade e crise de identidade como uma necessidade para entender o homem em torno de si mesmo dentro de um contexto social.

O método para este artigo é descritivo, pois trata-se de uma análise buscando entender algumas inquietações presentes no nosso cotidiano como, por exemplo, o preconceito que afeta o homem do furo na mão, tendo como embasamento teórico alguns artigos que tratam sobre identidade e crise de identidade. Em se falando do termo “identidade”, Carolina Laurenti e Mari Nilza Ferrari de Barros (2000) salientam que:

Inúmeras questões estão associadas à identidade. Historicamente, o termo empregado para significar o que hoje se entende por identidade foi personalidade, privilegiando não só a perspectiva individualista, mas também uma visão em que os princípios da

ciência médica sustentavam toda proposta de compreensão. Nesse contexto, os debates versavam sobre o “normal” e o “patológico”, o “natural” e o “inerente”.

A pesquisa enfatiza dois pontos importantes para a sua construção, que é a busca pela identidade, na qual, o homem está disposto a perder tudo para ser ele mesmo e conquistar o seu espaço no meio em que está inserido. E, por último, a crise de identidade em relação a si mesmo, pois ele se sente diferente ao perceber o furo na mão.

Levaremos em consideração a pesquisa de Ramiro Giroldo (2012), que nos traz análise do conto e servirá como elemento para percepção da construção do homem do furo na mão como ficção e a de Bock et al (2008) para entendermos sobre a construção da identidade do personagem. Samuel Ponsoni com “As relações de poder na narrativa fantástica: conceitos e análises”, Matos (1998) com “Sociedade, tolerância, confiança, amizade”, também Elder R. Pereira (2024) e André Green (1981) e outros.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como fundamentação teórica, temos: Olegária Matos (1999) com o texto “Sociedade, tolerância, confiança, amizade”; Samuel Ponsoni (2010), com “As relações de poder na narrativa fantástica: conceitos e análises”; Ramiro Giroldo (2013), com “O homem do furo na mão” de Ignácio de Loyola Brandão e ficção científica como tendência genérica”; Identidade: questões conceituais e contextuais. Carolina Laurenti e Mari Nilza Ferrari de Barros (2000) com “Identidade: questões conceituais e contextuais”; Karl Marx (1978) com “Manuscritos Econômicos e Filosóficos: Terceiro Manuscrito” e outros.

Assim, ressalte-se que a identidade tem uma função fundamental de estudo para a psicologia, pois, esta, refere-se ao entendimento do eu e do lugar que o ser humano ocupado na sociedade em que vive. Carolina Laurenti e Mari Nilza Ferrari de Barros (2000) refletem: “O termo identidade sempre despertou interesse, tanto das pessoas comuns, representantes do universo consensual, quanto de cientistas sociais”. Segundo Bock et al (2008), a identidade é construída a partir das relações sociais, influências culturais e experiências individuais, sendo um processo dinâmico que está em constante transformação. Nesse sentido, podemos afirmar que ela se constrói tanto na individualidade quanto coletividade, pois é construída diante dos valores, normas e expectativas sociais que o sujeito incorpora ao longo da sua existência. A identidade é marcada por uma busca de autodescoberta e sentido, onde a pessoa se vê como um ser único, mas ao mesmo tempo reconhece-se pertencente a um grupo social em que está inserido. Já para Carolina Laurenti e Mari Nilza Ferrari de Barros (2000):

A identidade é construída por elementos opostos, ela é diferença e igualdade; objetividade e subjetividade, ocultação e revelação, humanização e desumanização, mesmice e mesmidade, e, para compreendê-la, é necessário articular essas dimensões aparentemente contraditórias a fim de superar a dicotomia individual/social que constitui a problemática da identidade desde a origem do termo.

Podemos acrescentar também que a identidade é um processo de continuidade de tudo o que vivenciamos do decorrer da nossa existência, levando em consideração as relações familiares e em sociedade. Sendo estes aspectos que se mantêm inalterados no decorrer de nossas experiências. Segundo o psicanalista André Green (1981, p. 203):

[...] o conceito de identidade agrupa várias ideias, como a noção de permanência, de manutenção de pontos de referência que não mudam com o passar do tempo, como o nome de uma pessoa, suas relações de parentesco, sua nacionalidade. São aspectos que, geralmente, as pessoas carregam a vida toda. Assim, o termo identidade aplica-se à delimitação que permite a distinção de uma unidade. Por fim, a identidade permite uma relação com os outros, propiciando o reconhecimento de si

A crise de identidade, segundo Bock (2008), acontece quando o indivíduo passa por questionamentos profundos sobre si mesmo e sobre o papel que desempenha na sociedade, além do processo de reconstrução de um ser autônomo. Essa crise se estabelece com frequência em momentos de transição, como a adolescência, no qual o sujeito passa a questionar valores e papéis que a ele foi dado como normal. Nesse processo, ele pode sentir-se perdido ou sem um direcionamento, uma vez que os antigos referenciais não mais lhe satisfazem e os novos ainda não estão plenamente consolidados.

Olegária Matos (1998), por sua vez, na discussão sobre identidade, salienta que a autoestima está intrinsicamente ligada a construção da identidade de um indivíduo, sendo a autoestima o principal fator que envolve a avaliação que o indivíduo faz de si mesmo, além dos seus atributos. Matos também acrescenta que autoestima, quando positiva, é fundamental para o bem estar emocional, pois o indivíduo consegue aceitar a si mesmo e constitui uma boa confiança em suas próprias capacidades.

A exclusão social, ainda segundo Matos (1998), está ligada na marginalização do sujeito, que se vê excluído da participação assídua dos espaços sociais. Esse processo afeta diretamente a identidade e a autoestima, pois o indivíduo começa a internalizar uma visão negativa de si mesmo, resultando no sentimento de inferioridade, ou seja, em uma crise de identidade. Assim, o indivíduo pode estar sujeito à exclusão social, o que pode agravar a crise de identidade, pois estabelece um distanciamento de valores de um grupo social.

4 IDENTIDADE E CRISE DE IDENTIDADE NA PERSPECTIVA DO CONTO “O HOMEM DO FURO NA MÃO”

Ignácio de Loyola Brandão estreia na literatura em 1965, com a coletânea *Depois do Sol*, que reúne histórias passadas na noite paulistana dos anos 1960. O primeiro romance, *Bebel Que a Cidade Comeu*, foi publicado em 1968 e relata, com sarcasmo, a repressão política vivida no Brasil. A consagração de Brandão veio em meados da década de 1970 quando organizou a edição da revista *Planeta*, que abordava ciências psíquicas, esoterismo e ocultismo. Com a publicação do romance *Zero*, editado primeiramente na Itália em 1974, o torna internacionalmente conhecido e reconhecido pela crítica literária.

Loyola Brandão possui mais de quarenta livros publicados, entre eles estão: romances, contos, crônicas, livros infanto-juvenil, viagens, biografias e peça de teatro, muitos foram traduzidos para diversos idiomas. Também recebeu vários prêmios, destaque-se o Prêmio Jabuti de Melhor Livro de Ficção de 2008, com *O Menino que Vendia Palavras*, e o Prêmio Machado de Assis, recebido da Academia Brasileira de Letras - ABL, em 2016, pelo conjunto da obra. Em 14 de março de 2019, foi eleito, por unanimidade, para ocupar a cadeira número 11 da ABL, que pertencia à Hélio Jaguaribe, tomando posse no dia 18 de outubro de 2019. Loyola Brandão ainda escreve crônicas quinzenalmente para o jornal *O Estado de São Paulo*³.

Loyola Brandão retrata em suas narrativas o homem e suas relações com o espaço urbano da cidade de São Paulo, expressando sobre o mundo conturbado vivido pelos seus personagens, assim como suas angústias e dúvidas. Os temas trabalhados nos contos e crônicas de *Cadeiras Proibidas* reflete a perda da identidade, desumanização do homem, incomunicabilidade pela repressão, dissociando o homem e a sociedade. Os recursos estilísticos utilizados para dar forma ao universo literário de Loyola Brandão apontam para o que a história das artes e da literatura definem como pós-modernismo. Portanto, suas obras cumprem um importante papel na literatura brasileira. Deste modo, compreende-se a importância de conhecer e analisar identidade e crise de identidade em “O homem com furo na mão”. Segundo Elder R.

³ <https://www.estadao.com.br/cultura/ignacio-de-loyola-brandao/>

Pereira (2024 p. 88), a chamada crise de identidade pode ser compreendida num processo mais amplo de deslocamento e mesmo de fragmentação do indivíduo moderno, isto é, numa visão mais ampla e complexa o indivíduo enfrenta desafios que serão responsáveis pela instabilidade, ou seja, o tornando menos fixa e instável. A crise de identidade se vê no decorrer do conto quando homem descobre o furo na mão e toda a sua concepção do mundo passa a mudar, essa mudança por sua vez determina como o ser se constitui a partir da sua visão, do eu diante às próprias concepções e não da concepção do outro, iniciando assim, a crise na identidade que até então era constituída pelo entendimento alheio. Vejamos:

[...] Estava no horário, podia caminhar tranquilo. Coçou a mão, descobriu uma leve mancha avermelhada de uns dois centímetros de diâmetro. Quando o ônibus chegou, a mão coçou de novo. Agora ardia um pouco a ele teve a impressão de que no lugar da mancha havia uma leve depressão. Como se tivesse apertado uma bolinha muito tempo, com a mão fechada.

A história destaca um homem comum, com uma vida considerada “normal” até que surge uma pequena marca na mão, que começa a coçar, com o decorrer do tempo, transforma-se em um orifício, um furo simétrico e indolor: “Um orifício perfeito. Como se tivesse sempre estado ali. Nascido” (Brandão, 2002, p. 20). O homem passa a admirar e gostar do furo em sua mão, uma vez que o faz diferente das outras pessoas, daí começa a sua crise de identidade. Carlos R. Brandão (1990, p. 38) diz que a identidade explica o sentimento pessoal e a consciência da posse de um eu, de uma realidade individual que torna cada um de nós um sujeito único diante de outros eus; e é, ao mesmo tempo, o reconhecimento individual dessa exclusividade: a consciência de minha continuidade em mim mesmo, ou seja, todo ser humano tem sua particularidade.

Quando surge uma mancha avermelhada em sua mão, aparentemente nada de anormal, ele se questiona o que poderia ser, mas não vê nada demais, já que inicialmente era apenas uma mancha. Daí, em um ônibus superlotado, ele sente um incômodo no mesmo lugar onde está a mancha “Três pontos antes do final, o ônibus superlotado, ele sentiu uma comichão violenta. Não podia olhar, nem levantar a mão. Estava chegando, dava para esperar.” (Brandão, 2002, p. 20). Embora a mancha não fosse nada demais, o homem ficou receoso de mostrá-la no trabalho “Passou o dia disfarçando a mão entre os papéis.” (Brandão, 2002, p. 20). O medo presente nesse contexto é totalmente compreendido, pois naquele ambiente não permitia a diferença. Em “O homem do furo na mão”, vemos que no contexto histórico em geral, ser diferente é proibido, a identidade do outro é aceitável quando não fere a opinião da elite dominante e que para ele ser incluído como cidadão na sociedade ele precisará abdicar do furo e negar a sua existência. Em oposição ao que lhe é imposto, ele se sente orgulhoso quando percebe que apenas ele tem o furo, é como se ele fosse uma exceção de um todo. Observe:

Segurava a maleta com a mão direita, com a esquerda apoiava-se no varão do teto. Três pontos antes do final, o ônibus superlotado, ele sentiu uma comichão violenta. Não podia olhar, nem levantar a mão. Estava chegando, dava para esperar. Foi empurrado para a saída, despediu-se das pessoas, olhou a mão. No lugar da mancha tinha um buraco. De uns dois centímetros de diâmetro. Um orifício perfeito. Perfeito, como se tivesse sempre estado ali. Nascido. Passou os dedos pelas bordas, por dentro, sentindo cócegas. Assoprou por dentro. Olhou através dele, acompanhando uma aleijada que caminhava na outra calçada. Afastava a mão dos olhos, focalizava um objeto, aproximava a mão. (Brandão, 2002, p.10)

Quando o homem descobre o furo fica curioso para saber como aquilo surgiu, a princípio ficou um pouco receoso e quis esconder com medo do julgamento das pessoas em seu ambiente de trabalho. Sua crise de identidade está presente ali, quando ele se nega a se aceitar com o furo. A busca e o descobrimento pela identidade é algo de suma importância para a

construção do homem como ser humano autônomo. Pode-se relacionar que os acontecimentos vão mudando a vida do homem, o que faz refletir observação de Carlos R. Brandão (1990, p. 37), que destaca:

Os acontecimentos da vida de cada pessoa geram sobre ela a formação de uma lenta imagem de si mesma, uma viva imagem que aos poucos se constrói ao longo de experiências de trocas com outros: a mãe, os pais, a família, a parentela, os amigos de infância e as sucessivas ampliações de outros círculos de outros: outros sujeitos investidos de seus sentimentos, outras pessoas investidas de seus nomes, posições e regras sociais de atuação.

Esta reflexão faz entender de que, quando analisamos mais a fundo, a crise de identidade passa por alguns aspectos até o homem chegar numa aceitação, é uma nova formação de si mesmo gerada pela desintegração do corpo e da identidade da persona, ou seja, a interpretação do furo faz entender que esta desintegração está ligada à sociedade, ao seu cotidiano e como as pessoas irão reagir à nova imagem, ao furo, todavia ele tenta se encaixar e seguir os padrões, contudo, conforme o buraco na mão vai aumentando e ele se dá conta de que há uma crise interna que não pode negar:

Não fazia mal, há quinze anos ele não tinha uma falta, um minuto descontado. Foi para a mesa, um pouco perturbado com o furo. Não triste, mas querendo saber o que podia fazer com aquilo. Passou o dia disfarçando a mão entre os papéis. Não queria que os colegas vissem. Eles não tinham furo na mão. De vez em quando soprava através do buraco, fazia barulhos estranhos com a boca. Na hora do lanche, focalizou um colega, colocando a mão sobre o olho. Na hora de bater ponto de saída, enfiou a alavanca no buraco a empurrou. Contente, sentia-se mais que os outros. A sensação começara no meio da manhã, depois que a primeira depressão desaparecera. Tinha pensado em ir ao médico, explicar o caso. Desistiu. (Brandão, 2002, p. 10)

Outro aspecto que podemos analisar no conto é a alienação e o isolamento que é retratado no conto, como mostra essa passagem "Foi trabalhar e no fim da tarde estava decepcionado. Ninguém no escritório tinha ligado para a mão dele. Fizera de tudo em frente aos colegas. Assoara o nariz, passara o dia com a mão na testa." (Brandão, 2002, p. 11).

Segundo Bock et al (2008), o estigma revela que a sociedade tem dificuldade de lidar com o diferente. Em relação ao conto "O homem do furo na mão", a sociedade tem uma influência significativa na construção da identidade do homem, ou seja, é presente no contexto em que o personagem está vivendo uma falta de compreensão muito grande por parte da sociedade, a convivência com a diferença, pois ter um furo na mão não fazia parte dos parâmetros necessários para ser um cidadão inserido e ativo socialmente.

O furo na mão fazia parte da construção do homem como ser humano autônomo, aquele furo passou a ser parte da história dele a partir do momento em que ele surgiu. O homem não se sentia intimidado em mostrá-lo, embora não pudesse, ele sentia-se como um ser único, desconstruindo-se de tudo o que ele costumava ser. Aquele buraco era a sua identidade e sentia orgulho por isso, estando disposto a ser ele mesmo, sem se importar com o que iam dizer. No artigo "Identidade: questões conceituais e contextuais", Carolina Laurenti e Mari Nilza Ferrari de Barros (2000) fazem a seguinte reflexão:

Identidade é ao mesmo tempo diferença e igualdade. De acordo com Jacques (1998), a palavra identidade evoca tanto a qualidade do que é idêntico, igual, como a noção de um conjunto de caracteres que fazem reconhecer um indivíduo como diferente dos demais. Assim, a identidade implica tanto no reconhecimento de que um indivíduo é o próprio de quem se trata, como também pertence a um todo, confundindo-se com outros, seus iguais.

Sabemos que a nossa identidade nos é dada antes mesmo de nascermos, isto é, nossos pais planejam toda a trajetória de vida, desde o descobrimento do nosso sexo, até como devemos nos comportar. Metaforicamente falando, é como se a sociedade nos desse uma caixa e dentro dela explica atitudes, ações, comportamentos que devemos ter ou fazer para ser homem ou mulher e qualquer comportamento contrário a estes impostos, a sociedade discrimina. Comparando ao homem do conto, a sociedade impõe de uma maneira mais estética que aquele furo era inconveniente.

A autonomia do homem começa quando ele encontra sua própria identidade, ou seja, quando ele passa a entender e enxergar que aquele furo era apenas um detalhe em seu corpo e o buraco não o tornava uma pessoa a ser taxada como marginal. Ao aceitar o furo como parte desta singularidade, o personagem então começa a romper com as ideias de que uma pessoa que precisa se moldar para agradar as condições alheias, percebendo também que sua essência não está condicionada às expectativas sociais. Ao analisar a identidade, Jacques salienta (1998, p.161):

Jurandir Freire Costa emprega a qualificação "identidade psicológica" para se referir a um predicado universal e genérico definidor por excelência do humano em contraposição a apenas um atributo do eu ou de algum eu como é a identidade social, étnica ou religiosa, por exemplo. Habermas (1990) refere-se a "identidade do eu" que se constitui com base na "identidade natural" e na "identidade de papel" a partir da integração dessas através da igualdade com os outros e da diferença em relação aos outros. Com base no pressuposto inter-relacional entre as instâncias individual e social, a expressão "identidade social" vem sendo empregada. (Neto, 1985) buscando dar conta dessa articulação.

Olegária Matos (1998) afirma que, para ver diálogo na sociedade e entre culturas, é preciso esquecer-se da própria origem. Trazendo a questão da identidade para o plano da aquisição de um sentimento de identidade, poderíamos pensar que para haver diálogos entre sujeitos, grupos e sociedade, todos teriam de abandonar-se num esquecimento de si capaz de permitir o encontro com o diverso. Loyola Brandão apresenta um homem multifacetado e ambíguo, flexível pela característica, o homem do furo na mão é responsável pela capacidade de reorganizar a vida cotidiana, esquecendo a própria origem para se tornar dono de uma plasticidade que sugere sempre novas expectativas, novos domínios do ser.

No desenrolar do conto "O homem do furo na mão", observa-se o homem seguindo com mais um dia qualquer, acordando cedo e indo para o trabalho como fazia há anos, sem nenhuma novidade. Ao se despedir da mulher é fácil perceber a preocupação dela com a aparência do seu marido, segundo a seguinte situação: "Há doze anos tomavam café juntos e ela o acompanhava até a porta." Você está com um fio de cabelo branco. Ou tinge ou tira." Ele sorriu, apanhou a maleta e saiu para tomar o ônibus" (Brandão 2002, p. 19).

No escritório, o protagonista se esforça para disfarçar o furo na mão que provoca sensações de vergonha e orgulho. A vontade de ser igual aos outros colegas de trabalho é substituída pelo orgulho de ser diferente e o surgimento do furo na mão é o que desencadeia o processo de reconhecimento de sua singularidade. Uma preocupação do homem do furo na mão é se desligar das amarras sociais e desconsiderar as questões do mundo em que vive para assumir uma nova identidade e perceber que a realidade é complexa e contraditória. Isto ocorre devido a primeira reação da esposa ao saber do furo da mão, que é chorar e tentar fazer um curativo para esconder o orifício. Em oposição ao comportamento da esposa, o homem parece reafirmar a sua posição de diferença na tentativa de individualizar-se em um mundo cada vez mais massificado: "Só eu tenho esse buraco" (Brandão, 2002, p. 21). A esposa nega a diferença e não aceita conviver com o marido enquanto este estiver com o furo na mão: "Não posso viver com você enquanto esse buraco existir" (Brandão, 2002, p. 21). A partida da esposa provoca uma sensação de liberdade para o protagonista, vejamos o trecho a seguir:

Acordou com o silêncio da casa, os cômodos na penumbra, tudo desarrumado. Gostou da desarrumação. Fez café, jogou pó no chão, molhou tudo que pôde, derrubou o lixo. Tomou banho, jogou as toalhas, molhou o chão, largou o sabonete dentro da privada. Saiu. Pela segunda vez em doze anos saía sozinho sem ninguém para acompanhá-lo até a porta, sem a sensação de estar vigiado, de ter que ir a voltar ao mesmo lugar, ter que justificar as coisas, o dia, os movimentos (Brandão, 2002, p. 22).

Talvez a preocupação da mulher não seja apenas uma questão estética, ou de repulsa, mas uma questão de puro preconceito ou até mesmo por questão da pressão que a sociedade irá colocar nela, significando assim questionamentos do seu papel como esposa. Ela teme que as pessoas, ao perceberem no homem essa “diferença”, acabem por rejeita-lo, persegui-lo ou impedi-lo de frequentar lugares que costumava frequentar, tais como o trabalho, o transporte público e outros ambientes. Nestas circunstâncias, o homem sofre diversas retaliações por parte do poder vigente, como agressões, tanto físicas como morais. Passa, então, a perambular pela cidade, sem destino, com sentimento duplo de orgulho e vergonha pela sua condição singular. O homem está em busca de novos espaços, quer ter uma nova relação de cidadania, o que nos faz inferir a percepção de Carolina Laurenti e Mari Nilza Ferrari de Barros (2000), que indicam:

A conquista por novos espaços de expressão e reconhecimento social, em que a relação entre cidadania e subjetividade esteja assente na idéia de emancipação, deve tomar como fundamento o princípio de comunidade de Rousseau que, segundo Santos, articulava as idéias de obrigação política horizontal entre cidadãos e a idéia de participação e solidariedade concreta, emergindo daí uma nova cultura política e, “[...] em última instância, uma nova qualidade de vida pessoal e coletiva assentes na autonomia e no auto-governo..”. (Santos, 1999, p. 263).

Dessa maneira, pode-se entender que o homem do furo na mão está obcecado pela diferença, procurando por uma distinção em relação aos outros, o furo na mão é uma conquista, o faz se reconhecer socialmente e traz a ideia de emancipação. Desta forma, trazemos a visão de Ramiro Giroldo (2012), que numa análise do conto, nos mantém informado da perspectiva do homem em sua construção de auto aceitação, e o contexto em que está inserido pode influenciar no processo de inclusão e/ou exclusão. Segundo Giroldo (2012, p. 3):

A impessoalidade do ambiente de trabalho, onde a informação de comportamento é demandada, coloca o protagonista num impasse. Não se enquadrar nos parâmetros implicitamente exigidos provoca uma culpa que parece injustificada e resiste à pronta compreensão. Contudo, a vontade de ser igual aos que o cercam começa a ser substituída por um orgulho de ter as diferenças, particularidades. O furo na mão é o desencadeador do processo.

Fica claro a preocupação do homem para continuar inserido na sociedade que faz parte. Porém, sua vontade de ser diferente, de ser aceito por ele mesmo é maior quando o furo aparece. Tendo como resultado de seu altruísmo a exclusão da sociedade. Assim, trazemos para esta pesquisa aspectos do processo de auto aceitação do indivíduo em um meio de aparências, sendo alimentado numa bolha de total autoridade daqueles que os cercam.

A necessidade presente no homem de mostrar ao mundo algo que apenas ele tem era mais precisa do que se fechar e se isolar do mundo. Algo que só ele tinha, algo dele, e que o transformava em um ser completo, ou até mesmo único. O furo na mão dá ao homem uma nova identidade, que é a forma pela qual se expressa no mundo como resistência e superação da crise de identidade, isto implica em um novo papel social. O homem, ao mesmo tempo, se confunde e se diferencia dos outros porque ele não se insere no mundo social (com papéis, instituições, e identidades pré-estabelecidas), mas apropria-se dele com sua nova característica.

A identidade, nesse contexto de se ver com o buraco na mão, não é apenas uma construção interna, ou seja, antes do furo ele sentia necessidade de se reconhecer, mas era também algo que se manifesta na interação com o outro e com a sociedade, este sendo mais doloroso e intimidador. A escolha de se expor, ao invés de se isolar, reflete a vontade de ser reconhecido pelo que realmente é, isto sendo, sem interferência da visão alheia com a necessidade de marcar sua diferença em um mundo que muitas vezes busca a padronização.

Ser completo, ou único, passa pelo reconhecimento e aceitação dessa individualidade. Mostrar ao mundo aquilo que só ele possui é, para o homem, uma forma de se libertar das amarras da conformidade e reafirmar sua identidade singular. Esse processo, embora doloroso, é essencial para a construção de um sentido profundo de si mesmo dentro da anormalidade da visão alheia, pois é ao se permitir ser visto como é, ou seja, sem as amarras da sociedade, em sua totalidade, que o homem alcança uma compreensão mais plena de quem ele realmente é. A identidade, portanto, é tanto um ato de descoberta quanto de expressão. Vejamos:

O alívio foi tão grande que começou a suar. E se assustou um pouco. Era como se tivesse sarado de uma doença terrível, depois de ter estado à beira da morte. Ou sair de dentro da água, quando estava se afogando. Sentia-se amedrontado, uma sensação esquisita por dentro. Culpado de estar sem o que fazer. Livre, caminhando para onde queria. Tudo por causa do buraco. Olhou as pessoas através dele. O gesto de levar a palma da mão à frente do olho estava se tornando um tique. (Brandão, 2002, p. 13)

O desenrolar do conto continua com a separação da mulher, que sai de casa deixando um bilhete para o marido. “Ao voltar para casa, não encontrou a mulher na porta. Na mesa havia um bilhete. “Não posso viver com você enquanto esse buraco existir.” (Brandão, 2002, p. 21) a atitude da mulher mostra como ela não consegue lidar com aquele buraco na mão do seu marido, evidenciando mais uma vez o preconceito persistindo na esposa, a separação é uma resposta da pressão que a sociedade nos coloca quando precisamos seguir padrões que ela nos impõe. Ao contrário do que se imagina o homem não se sentiu triste com o abandono da mulher, pois esse acontecimento quebrou um pouco a sua rotina, estando em paz consigo mesmo sem precisar de se explicar, o que o torna um homem livre e sem muitas preocupações.

Qual a importância de ser uma pessoa autônoma? analisando a necessidade do homem de ser ele mesmo estava presente naquele contexto, já que o abandono da mulher não foi algo doloroso. Ele precisava dessa sensação de liberdade, estar presente com ele mesmo. De acordo com o pensamento de Girollo (2012): “A partida da mulher é encarada como algo positivo, o que configura o reforço de estereótipos acerca de papéis pretensamente desempenhados pelo masculino e pelo feminino.” (Girollo, 2012).

A sensação de liberdade é interrompida quando o homem é proibido de usar o transporte público e precisa ir andando até o trabalho, e piora ainda mais quando é despedido da empresa na qual ele trabalhou a vida toda:

- E o meu dinheiro? A indenização?
- Indenização? Você foi demitido por justa causa.
- Justa causa?
- É proibido ter buraco na mão. Não sabia?
- Nunca existiu isso nos regulamentos.
- Existe. Está no Decreto Inexistente.
- Quero ver.
- É inexistente. O senhor não pode ver (Brandão, 2002, p. 24).

Segundo Girollo (2012), o trecho remete à duvidosa legalidade que permitia ao governo militar a coação e o cerceamento da liberdade individual.

Ao ir ao cinema, coisa que ele não fazia a alguns anos, foi questionado sobre o filme que escolhera assistir, sendo sugerido a ir a outro cinema pois aquele lugar não era conveniente para um homem com o furo na mão. Veja o trecho:

- O senhor tem certeza de que é este o filme que quer ver?
- Como ele não tinha, ficou indeciso, surpreso. O porteiro aproveitou.
- Está vendo? O senhor se enganou no filme. Se quiser, a bilheteira devolve o dinheiro.
- Ele se recuperou, protestou. Era esse filme mesmo, que negócio é esse, também aqui essa brincadeira?
- Por favor, meu senhor, vá a outro cinema. Senão, perco o emprego.
- E se quero ir neste?
- Melhor não entrar. Ou sou obrigado a chamar o gerente.
- Pode chamar.
- O gerente veio acompanhado de um PM de cara amarrada.
- Por que não posso entrar no cinema?
- O senhor pode, cavalheiro. Qual é o problema?
- O porteiro disse que não posso.
- Eu não disse. Só pedi ao senhor para ir a outro cinema.
- Quero este.
- (Deixa ele entrar, murmurou o gerente ao porteiro). (Brandão, 2002, p. 25)

Após o término do filme, ele foi expulso do cinema por seguranças. Começou a andar pela cidade, sem rumo, apenas andava sem saber onde ia chegar, mas um sentimento de angústia, pois não entendia o porquê de estar passando por tudo aquilo, era apenas um furo. Sentou-se numa praça para descansar, quando, mais uma vez, foi expulso de lá por um guarda, que não foi muito simpático com ele. Já que, foi expulso de lá a pauladas. Abrigando-se em um viaduto. O conto finaliza com a seguinte situação:

Vagabundos (seriam vagabundos?) tinham acendido uma fogueira. Acordou, o sol nascendo, levantou-se rápido. De pé, lembrou-se que não precisava ir ao emprego, ir a lugar nenhum. Sentou-se de novo, vendo os vagabundos (seriam vagabundos?) tomarem o que parecia café. Aproximou-se. Um deles estendeu uma lata. Quando olhou a mão do homem, viu nela um orifício de uns dois centímetros de diâmetro que atravessava da palma às costas. Então, ele também mostrou a mão. O homem não disse nada. Ele tomou o café. Ralo, de pó catado nos lixos dos bares, já tinha passado uma ou duas vezes pelo coador. Serviu para assentar o estômago (Brandão, 2002, p. 27).

Então, depois de perder tudo, estando assim na margem da sociedade, ou seja, um marginal, ele encontra pessoas com o mesmo furo que ele. Ao encontrar essas pessoas, ele percebe que não há nada de errado com ele e que era puro preconceito da sociedade. É uma visão um pouco preconceituosa partindo do homem pois segundo Giroldo (2012). “O desfecho do conto, por fim, apresenta o furo na mão como uma representação ampla da diferença: tanto o protagonista quanto o marginal que o acolhe o possuem.”

Deste modo, o homem escolheu seguir seus próprios caminhos, visto que, foi doloroso tudo o que ele passou para ser ele mesmo, estar presente numa sociedade completamente preconceituosa é difícil, como foi mostrado no conto. Apesar de tudo, o homem se encontrou com pessoas que ele sabe que passaram pelas mesmas dificuldades que ele, mostrando que existem pessoas que podem nos dar a mão em qualquer das circunstâncias.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para a discussão deste trabalho será abordado dois pontos importantes que é a busca da identidade do personagem, que está disposto a perder tudo para ser ele mesmo e o processo de

relação do homem consigo mesmo, que apesar de tudo o homem não desiste de mostrar o furo, que para ele é uma conquista, já esse furo faz parte da sua identidade.

Levando em consideração todo esforço que o homem tem para buscar seu próprio espaço no meio em que vive, podemos perceber o quão importante é ser nós mesmos. Nossas escolhas trazem consequências que às vezes não esperamos, como vemos em “O homem do furo na mão”, que ele está disposto a perder tudo para assumir uma singularidade e formar uma imagem de si mesmo. Para Carlos R. Brandão (1990, p. 37): Os acontecimentos da vida de cada pessoa geram sobre ela a formação de uma lenta imagem de si mesma, uma viva imagem que aos poucos se constrói ao longo de experiências de trocas com outros [...]”.

O furo na mão simboliza essa singularidade, uma marca que ao surgir começa a fazer parte da identidade do protagonista e que ele defende com persistência, mesmo quando todos ao seu redor veem isso como algo errado ou inaceitável. A ideia de perder tudo seja bens materiais, relações ou status social para se manter fiel a quem ele realmente é, reforça o dilema existencial de muitas pessoas que se veem em conflito entre a autenticidade e a aceitação social.

Sabemos o quão doloroso é deixar de ser nós mesmos para seguir o padrão estabelecido pela sociedade, não importa o que a gente faça, nunca será suficiente e carregar esse fardo é uma prisão sem fim que a maioria das pessoas estão dispostas a vivenciar este feito por medo de perder tudo. Carolina Laurenti e Mari Nilza Ferrari de Barros (2000):

A identidade é totalidade, e uma de suas características é a multiplicidade. Os papéis sociais são impostos ao indivíduo, desde o seu nascimento e assumidos pelo mesmo na medida em que se comporta de acordo com a expectativa da sociedade. [...] A cada personagem materializado, a identidade tem assegurada sua manifestação enquanto totalidade, mas uma totalidade que não se esgota nem tampouco se resume a concretização de personagens. As personagens são partes constitutivas da identidade e, ao mesmo tempo, configura-se como um todo que se cria a si mesmo, enquanto fenômeno de uma totalidade concreta. A identidade é ainda um universo de personagens já existentes e de outros ainda possíveis.

Em “O homem do furo na mão”, vemos o homem perder tudo por ignorância da sociedade e daqueles que o cercam por ele não se encaixar em padrões que para ele é estabelecido. Contudo vemos também o homem conquistar sua própria identidade, que apesar de tudo mudar em sua vida não deixou de lutar para aquilo que era impossível. Vejamos.

Várias correntes da Psicologia (e a Psicanálise, inclusive) nos ensinam que o reconhecimento do eu se dá no momento em que aprendemos a nos diferenciar do outro. Eu passo a ser alguém quando descubro o outro e a falta de tal reconhecimento não me permitiria saber quem sou, pois não teria elementos de comparação que permitissem ao meu eu destacar-se dos outros eus. Dessa forma, podemos dizer que a identidade, o igual a si mesmo, depende da sua diferenciação em relação ao outro. (Bock et al, 2008, p. 267)

Diante disso, chegamos à conclusão de que o ser humano é um resultado de diferentes eus, levando em consideração de que o convívio influencia no comportamento e estrutura o caráter das pessoas, podemos ver isso no decorrer da história quando o protagonista segue os padrões a ele imposto, antes de sua crise de identidade por conta do furo. Esta crise surge como um ponto de ruptura que leva ao personagem não apenas ser interpretado pelas expectativas alheias as dele. Esta jornada de aceitação e descoberta apenas evidencia que somos uma construção dinâmica, isto é, somos moldados diante da visão de várias crenças, costumes, preceitos e tudo o que estrutura um ser sociável. Nessa perspectiva, acrescenta-se o que diz Marx (1978, p. 41, grifos do autor):

O homem, no entanto, não é apenas ser natural, mas ser natural *humano*, isto é, um ser que é para si próprio e, por isso, ser genérico, que enquanto tal deve atuar e

conformar-se tanto em seu ser como em seu saber... nem objetiva nem subjetivamente está a natureza imediatamente presente ao ser humano de modo adequado. E como tudo o que é natural deve *nascer*, assim também o homem possui seu ato de nascimento: a *história*, que, no entanto, é para ele uma história consciente, e que, portanto, como ato de nascimento acompanhado de consciência é ato de nascimento que se supera. A história é a verdadeira história natural do homem .

No processo de relação do homem com ele mesmo entendemos que o furo, que inicialmente se apresenta apenas como um detalhe físico, até então inesperado e sorrateiro assume um significado maior ao longo do conto, tornando-se uma metáfora para o vazio existencial que o personagem começa a sentir. Contudo, tal metáfora é o que leva o homem a se reconstruir e a se reconhecer diferente. A incapacidade de encontrar explicações racionais ou científicas para o que está acontecendo reflete a impotência do ser humano diante do desconhecido e do que não pode ser controlado. O personagem, então, se isola, cada vez mais obcecado com o furo, e isso passa a simbolizar uma desconexão com sua própria vida cotidiana e com as pessoas ao seu redor.

Na visão de Bock et al (2008) são momentos, períodos importantíssimos da vida de uma pessoa em que ela procura, com maior ou menor grau de consciência dessa crise, redefinir ou ratificar seu modo de ser e estar no mundo... sua identidade: para si e para os outros. Entendemos então que esses períodos de crises podem ser entendido como momentos de auto aceitação e conhecimento, onde passamos pela necessidade de rever certas certezas, valores e comportamento, e, por fim, abandonar expectativas externas para então construir uma nova compreensão de quem somos.

Então, vemos o personagem começar a enfrentar um processo de alienação com relação a si mesmo, percebendo então que tal feito aponta para uma crise identitária. O furo na mão sugere uma espécie de falha interna, um vazio ou falta que o personagem não sabe como preencher. À medida que a obsessão cresce, ele perde a capacidade de se enxergar de forma íntegra, questionando até que ponto ainda é ele mesmo. Esse conflito interno, entre o que ele era e o que está se tornando devido ao furo, revela o tema da fragmentação da identidade, comum na obra de Brandão, se levarmos em consideração o tempo em que esta obra foi escrita. Para Carolina Laurenti e Mari Nilza Ferrari de Barros (2000): “Logo, a identidade não é inata e pode ser entendida como uma forma sócio-histórica de individualidade. O contexto social fornece as condições para os mais variados modos e alternativas de identidade”.

A história também explora a relação do homem com o corpo como um reflexo do “eu”. O furo na mão, algo que deveria ser parte da sua identidade, se torna um elemento estranho e hostil, na visão de quem o cerca e de quem impõe um papel de normalidade. Essa ruptura entre o corpo e a consciência expõe uma desarmonia na relação do personagem consigo mesmo, o que provoca não apenas medo, mas uma sensação de profundo desamparo, talvez um desamparo. O conto questiona até que ponto o corpo físico é parte da identidade e o quanto essa identidade é frágil diante de eventos inesperados e inexplicáveis.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o propósito inicial desta pesquisa, que se objetiva entender o papel que a sociedade tem como influência na construção de um ser humano autônomo no conto “O homem do furo na mão” pode-se afirmar que o protagonista passa pelo processo de reconstrução diante de todo desafio que ele teve que vivência pela sociedade em que estava inserido.

No conto, percebeu-se que o protagonista está em processo contínuo de afirmação pessoal. O furo em sua mão que apareceu do nada simboliza algo único, que somente ele tem, algo que diferencia dos demais, mas, em contrapartida a sociedade em si faz com que este furo seja algo marginalizado da sua identidade. Mas ele escolhe abraçar aquele furo extraordinário

o que resulta a perda de relacionamento, emprego e reconhecimento social. Este esforço reflete ao desejo de autenticidade, ou seja, o anseio de não se conformar aos padrões a ele imposto.

Também pode-se constatar que a separação do homem, que apesar de amar sua esposa, não se deixou abalar por seu abandono. O preconceito está muito presente no conto, a partir do momento em que ela descobre o furo na mão do homem e pensa ser difícil manter o relacionamento. Outra consequência, é que ele é proibido de andar nos ônibus, perde seu emprego, é expulso do cinema, todos esses acontecimentos foram devido ao furo na mão, pois a sociedade o taxou como inconveniente.

A busca pela identidade do personagem supera todas as barreiras que ele tem que passar para ser ele mesmo. Se encontrar em si, mesmo que a sociedade diga que é errado é um privilégio para ele, ter aquele buraco o tornava único. Quando ele entende que o furo não é uma falha para ser corrigida, mas um aspecto a ser valorizado este comportamento para desafiar as normas opressoras de quem o rodeava e vemos o resultado dessa valentia, ele se depara com a rejeição social, que o afasta do emprego, da esposa e de sua vida cotidiana tornando-se assim numa espécie de libertação.

Justamente porque a identidade é aquilo que nós somos, por exemplo, “sou negro”, “sou homossexual”, e o furo na mão desencadeia um processo de aceitação da identidade no homem, que antes do seu surgimento não tinha uma visão altruísta e seguia sempre as normas dos padrões.

Este processo de busca e descoberta que o homem tem sobre a identidade torna-se libertador para ele, pois, vivemos em constante mudança, mudanças essas que nos tornam diferentes daquilo que já fomos um dia. Contudo, o homem mostra que para ser nos mesmos é uma questão de força e uma questão de um nunca desistir, como já foi citado, nossas escolhas trazem consequências que não esperamos. Porém, a maior consequência que o homem poderia ter com tudo aquilo seria não lutar pelo seu próprio espaço no meio em que vive. Deste modo, carregar uma identidade que não nos torna um fardo muito pesado.

O protagonista ao aceitar o furo em sua mão como parte intrínseca de sua identidade reflete a luta universal do eu diante da sua trajetória de auto descoberta e singularidade, mantendo-se, portanto, fiel na construção do seu novo eu, que surge como resultado da coragem de soltar das amarras sociais. É dessa forma que a narrativa explora a relação do homem com o corpo. Percebeu-se que o furo na mão se tornou marca de sua identidade, antes era um elemento estranho e hostil, rejeitado por quem o cercava e depois da crise de identidade o furo na mão se impõe um aspecto da normalidade, rompendo com os padrões existentes. Essa ruptura entre o corpo e a consciência expôs uma nova relação do homem consigo mesmo. É dessa forma que o conto questiona até que ponto o corpo físico se revela parte da identidade e o quanto essa identidade era frágil diante de situações inexplicáveis e inesperadas.

O conto de Loyola Brandão nos evidencia que o processo de busca por identidade quando nos faz romper com padrões é difícil e muitas vezes solitário, mas fundamental para a realização pessoal e para nosso reconhecimento. Ser fiel a si mesmo, mesmo que diante de obstáculos e rejeição, é o que dá ao protagonista um senso de propósito e liberdade. Ele escolhe não carregar o furo como um fardo, mas como uma marca de sua singularidade, e essa escolha, ainda que cheia de desafios, representa a vitória de sua própria autenticidade sobre as pressões externas. A verdadeira consequência negativa, como o conto nos sugere, seria desistir de si mesmo e deixar de lutar por seu espaço no mundo. Pode-se dizer que o homem se direcionou para um rompimento com a ideia do ser humano comum, cujo pressuposto define que todas as potencialidades do indivíduo já nascem com ele, porém ele não nasceu com o furo na mão, o que potencializa sua característica individual. Daí o contexto social que ele encara o relevou a um papel secundário, configurando-o na busca de uma nova identidade para se relacionar com outros homens. Portanto, o homem, enquanto ser, está relacionado a um papel social, e este

representa uma identidade coletiva, abstrata e genérica; associada, construída e mediada pelas relações sociais.

Por fim, este estudo pode contribuir para além de uma análise de como a sociedade pode interferir na construção de ser humano autônomo, contudo, nos evidencia que assuntos como a conscientização sobre alienação e pressão social, promoção de discussões sobre identidade e autenticidade e reflexão sobre liberdade e controle, todos esses tópicos nos fazem perceber o quanto o meio em que estamos inseridos nos influencia. Além disso os resultados esperados foram alcançados uma vez que entendemos a essência do que é identidade e de como podemos nos reconstruir diante das repressões.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Nilza Ferrari de; LAURENTI, Carolina. Identidade: questões conceituais e contextuais. **Revista de Psicologia Social e Institucional**. [OnbLine] Londrina, v. 2, n. 165 1, jun/2000. ISSN 1516b4888. Disponível em: <<http://www.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n13.htm>>. Acesso em 20 setembro de 2024
- BRANDÃO, Carlos R. **Identidade e etnia**: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. “O homem do furo na mão”. In: **Cadeiras Proibidas**. 9. ed. São Paulo: Globo Editora, 2002.
- BOCK, Ana Maria Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA Maria de Lourdes Trassi. Identidade. In: BOCK, Ana Maria Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da Psicologia. São Paulo: Saraiva, 2008, p. 207-220.
- GIROLDO, Ramiro. “O homem do furo na mão” de Ignácio de Loyola Brandão e ficção científica como tendência genérica. Zanzalá - **Estudos de Ficção Científica**, USP, v. 1, n. 2, p. 08, 2013-03-15.
- GREEN, André. Átomo de parentesco y relaciones edípicas. In: LÉVISTRAUSS, Claude, org. **La identidad**. Barcelona, Grasset, 1981.
- JACQUES, M. G. C.. Identidade. In: M. N. Strey et al. **Psicologia social contemporânea** Petrópolis: Vozes, 1998.
- MATOS, Olegária. Sociedade, tolerância, confiança, amizade. **Revista USP**, n. 37, 1998. p. 92-101
- MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos e Filosóficos**: Terceiro Manuscrito. 2 ed., São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 3-48.
- PONSONI, Samuel. As relações de poder na narrativa fantástica: conceitos e análises. **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, Vol. 39, n. 3, p. 878-892, abr-mai 2010.